

## COMO OS ROMANOS ANTIGOS VIAM OS CHINESES?

### *HOW THE ANCIENT ROMANS SAW THE CHINESE?*

**André da Silva Bueno<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Doutorado em filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF). Professor adjunto do curso de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor do programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ)

Correspondência para: André da Silva Bueno (orientalismo@gmail.com)

Recebido em: agosto de 2019; Aceito em: outubro de 2019

### RESUMO

Observamos hoje, no campo dos estudos clássicos, um novo interesse pelas relações Extremo Oriente – Ocidente na antiguidade. Obviamente, esse campo é vasto, embora tenha sido pouco explorado, e apenas de maneira esporádica. Índia e China representam duas civilizações desafiadoras, com modelos históricos próprios, e por isso, o estudo de seus períodos históricos mais antigos exige certo grau de especialização. Por outro lado, é possível rastrear, na documentação Greco-romana, citações sobre essas culturas que nos permitem reconstituir o imaginário existente sobre elas no mundo Mediterrâneo. Em nosso ensaio, buscaremos recolher e analisar os fragmentos existentes sobre os chineses na documentação clássica Greco-romana, no período dos séculos I ao III d.C., quando existia um eixo euro-asiático formado pela Rota da Seda, unindo os quatro grandes impérios da época – Roma, Pártia, Kushan e China – em uma extensa rede comercial e cultural, responsável pela formação de um diálogo rico e fértil. A imaginação romana sobre os chineses nos revela que o mundo antigo era muito mais amplo e aberto do que costumamos acreditar, caracterizando uma interação entre essas sociedades que muitos especialistas em estudos clássicos não costumam prestar a devida atenção.

**Palavras-Chave:** China; Roma Antiga; História Oriental.

### ABSTRACT

Today, in the field of classical studies, we observe a new interest in the Far East - West relations in antiquity. Obviously, this field is vast, although it has been little explored, and only sporadically. India and China represent two challenging civilizations, with their own historical models, and that is why the study of their oldest historical periods requires a certain degree of specialization. On the other hand, it is possible to trace, in

the Greco-Roman documents, quotes about these cultures which allow us to reconstruct the imaginary existing about them in the Mediterranean world. In our essay, we will seek to collect and analyze the fragments existing about the Chinese in classical Greco-Roman documentation, in the period from the 1st to the 3rd century AD, when there was an Eurasian axis formed by the Silk Road, uniting the four great empires of the time - Rome, Parthia, Kushan and China - in an extensive commercial and cultural network, responsible for the formation of a rich dialogue is fertile. The Roman imagination about the Chinese reveals to us that the ancient world was much wider and more open than we used to believe, characterizing an interaction between these societies that many specialists in classical studies do not usually pay due attention to.

**Keywords:** China; Ancient Rome; Far-east History.

## HISTORIOGRAFIA

A história dos estudos das relações entre Roma e China não é nova, de fato. Hirth<sup>13</sup> escreveu o primeiro livro sobre o tema, fazendo uma ampla recolha de fragmentos que apontavam as relações entre as duas civilizações na antiguidade. Muitos fragmentos chineses, falando sobre o mundo romano, são apresentados. Em sentido semelhante, George Coedès, em 1910, fez uma antologia (ainda não superada) de textos gregos e latinos referentes ao Extremo Oriente.<sup>14</sup> Quatro décadas depois, estava em voga uma teoria que afirmava que o colapso do império romano se daria em função da interrupção da Rota da Seda. A tese foi defendida por ilustres arqueólogos, como Mortimer Wheeler.<sup>15</sup> O assunto foi retomado por autores como Teggart<sup>16</sup>, que relacionou os eventos políticos do império romano e do império chinês em sincronia.

---

<sup>13</sup> HIRTH, Friedereich. *China and the Roman Orient: Researches into their Ancient and Medieval Relations as Represented in Old Chinese Records*. Hong Kong, 1885.

<sup>14</sup> COEDÈS, George. *Textes d'auters grecs et latins relatifs a L'Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977 (First Edition, 1910)

<sup>15</sup> WHEELER, Mortimer. *The Rome beyond the imperial frontiers*. London: Penguin, 1955, p. 203-214.

<sup>16</sup> TEGGART, Frederick. *Rome and China*. Berkeley, University California Press, 1969, p. v-xii; p. 225-241 [First edition, 1939]

Ferguson<sup>17</sup>, igualmente, aborda o tema, discutindo o conjunto das relações entre as duas civilizações. A carência de evidências arqueológicas mais sólidas, assim como de um modelo teórico adequado, fez com que essa tese não fosse desenvolvida na época. Sem embargo, a ideia nunca foi abandonada, e o desenvolvimento da arqueologia asiática contribuiria bastante nesse sentido.

Em 1971, Thorley<sup>18</sup> deu prosseguimento a esse campo de pesquisa, publicando um artigo mais amplo, no qual discutia a questão das relações Roma – China. Na sequência, Janvier<sup>19</sup> realizou um importante trabalho sobre a conceituação dos chineses no mundo romano. Enquanto isso, Mazahery<sup>20</sup> publicara um memorável estudo sobre a integração do mundo antigo pela Rota da Seda, e Jean Robert-Noel<sup>21</sup>, no mesmo sentido, analisa as relações culturais entre Roma e China, com base na visão romana.

Em 2002, Bueno<sup>22</sup> publica seu estudo, ampliando a questão para o que pode ser chamado de um *Sistema Mundial* na antiguidade. No mesmo ano, Warrick Ball<sup>23</sup> apresenta seu estudo, tratando da visão romana sobre o Oriente. Ball é um grande especialista em arqueologia asiática, com um conhecimento profundo sobre o tema. Logo depois, Gary Young<sup>24</sup> lança seu livro sobre as rotas comerciais ligando o mundo romano e o Oriente, desde o Mediterrâneo até áreas mais longínquas; e, dando prosseguimento, Raoul McLaughlin<sup>25</sup> apresenta os resultados de sua tese de

---

<sup>17</sup> FERGUSON, John “China and Rome”, in *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt im Spiegel der neueren Forschung* II 9.2, 1978, p.581-603.

<sup>18</sup> THORLEY, John “The silk trade between China and the Roman Empire at his height, circa A.D. 90-130” in *Greece & Rome*. Cambridge, 1971.

<sup>19</sup> JANVIER, Yves “Rome et l’Orient lointain: le problemes des seres” in *Ktema*, 9, Strasbourg, 1984.

<sup>20</sup> MAZAHERY, Aly *La Route de Soie*. Paris: Papyrus, 1983.

<sup>21</sup> NOEL, Jean Robert, *De Rome à la Chine*. Paris: Belles Lettres, 1993.

<sup>22</sup> BUENO, André. A. *Rotas do Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo, 2002.

<sup>23</sup> BALL, Warrick. *Rome in the East: the transformations of Empire*. London, Routledge, 2002.

<sup>24</sup> YOUNG, Gary. *Rome’s Eastern Trade*. London: Routledge, 2001.

<sup>25</sup> MCLAUGHLIN, Raoul. *Rome and the distant East*. London: Continuum, 2010.

doutorado, traçando o panorama mais completo e atualizado sobre as relações comerciais e culturais entre o mundo mediterrâneo dominado pelos romanos e o Oriente.

Uma característica desses estudos é que todos, basicamente, repetem as mesmas informações literárias das fontes Greco-romanas, com poucas variações: todavia, elas são enriquecidas pelas descobertas arqueológicas em curso, o que torna cada vez mais vivo o quadro das relações entre romanos e asiáticos. Outro ponto importante em todos os autores aqui citados é que se tratam de especialistas em História e/ou Arqueologia, afastando qualquer risco de lidarmos com propostas exóticas ou fantásticas. Estamos em um plano seguro, sustentado por uma argumentação sólida e baseado em fontes estabelecidas.

Um novo tipo de literatura histórica, que discute as relações possíveis entre Roma e China, surgiu recentemente, tomando por base o caminho comparativo, em busca de modelos de diálogo intercultural e da formulação de estruturas históricas mais amplas. O trabalho de Mutscher e Mittag<sup>26</sup> traça um amplo quadro comparativo entre as duas civilizações; no mesmo sentido, a coletânea organizada por Walter Scheidel<sup>27</sup> busca estabelecer os pontos comuns entre ambos os modelos imperiais. Scheidel<sup>28</sup>, em trabalho mais recente, investe na análise das relações de Estado e Poder em China e Roma, dando continuidade a esse campo de pesquisa nos estudos clássicos.

Vemos, portanto, um interesse renovado na questão das relações entre Roma e China, para o qual temos fontes confiáveis e seguras. Nesse nosso pequeno ensaio,

---

<sup>26</sup> MITTAG, Achten & MUTSCHLER, Fritz-Heiner *Conceiving the Empire: China and Rome Compared*. Oxford, Oxford University Press, 2008.

<sup>27</sup> SCHEIDEL, Walter (org.) *Rome and China: Comparative Perspectives on Ancient World Empires*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

<sup>28</sup> SCHEIDEL, Walter (org.) *State Power in Ancient China and Rome*. Oxford, Oxford University Press, 2014.

visamos uma pequena contribuição nesse sentido, apresentando os aspectos do imaginário romano sobre os chineses, baseado em fragmentos literários.

## **OS CHINESES NO IMPÉRIO ROMANO**

No século III d.C., o cronista Solinus dizia o seguinte sobre os chineses:

Quando voltamos do Oceano Sythico e do Mar Cáspio, vamos em direção ao Oceano Oriental. A partir do início da costa, encontramos neves profundas, longos desertos, além de povos e lugares cruéis, canibais e as mais terríveis bestas selvagens, que tornam metade do caminho praticamente intransitável. Quem conseguir chegar ao fim desse caminho, encontrará uma montanha que domina o mar, que os bárbaros chamam de “Tabis”. Passando por ela, continuamos a atravessar imensos desertos. Após chegar na costa frente a região nordeste, depois de atravessarmos imensas regiões desabitadas, o primeiro povo de que ouvimos falar são os “Seres”; eles aspergem água sobre as folhas de certas árvores, que ao ficarem úmidas, produzem uma substância que se transformará em novelos parecidos com algodão. Esta é a chamada seda, como conhecemos e usamos, que desperta a paixão pelo luxo das mulheres, e com a qual mesmo nossos homens se vestem agora, deixando seus corpos à mostra. Os “Seres” são gente civilizada e pacífica, mas que evita o contato com outros povos, recusando o comércio com outras nações. Todas as vezes que eles atravessam seu rio e saem de seu país para fazer negócios, eles não usam seu idioma, nem conversam; fazem uma estimativa com o olhar, e lançam seu preço. Preferem, aliás, vender suas mercadorias, mas não gostam de comprar as nossas.<sup>29</sup>

É difícil saber se eram mercadores chineses, de fato. A barreira da língua, bem como o aspecto físico diferente, nos fornecem evidências interessantes. De fato, os romanos da época tinham impressões curiosas sobre os “seres” (como denominavam os habitantes da “Serica” ou “Sinae”, a “Terra da Seda”, a China). Na mesma época, Bardasano, em sua etnografia religiosa no “Livro das Leis dos Países”, comenta positivamente sobre a civilização chinesa:

---

<sup>29</sup> Polyhistory, LI. In Solinus. *Polyhistoire*. Apud George Coedès, *Textes d'auters grecs et latins relatifs a L'Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977, p.84.

**ISSN 1982-8713**

Os Seres (chineses) têm leis que proibem de matar, ou de cometer atos impuros, ou de adorar ídolos; e em toda a Serica não existem ídolos, não existem prostitutas, e ninguém mata, ou é morto: apesar disso, como os outros homens, eles nascem em todas as horas e em todos os dias. Assim, Marte feroz, sempre que está no auge, não domina a liberdade dos Seres, nem obriga um homem a derramar o sangue de seu próximo com uma arma de ferro; nem Vênus, quando junto a Marte, obrigar qualquer homem entre os Seres de cobiçar a mulher do seu próximo, nem qualquer outra mulher. Ricos e pobres, doentes e saudáveis, e governantes e súditos, no entanto, estão lá: porque essas questões estão nas mãos dos governantes.<sup>30</sup>

Em um trecho semelhante, Orígenes defendia que os chineses não eram ateus, mas que estariam inclinados a conhecer Deus, embora ainda vivessem na ignorância sobre o divino:

Para esta questão, nossa resposta é que, se os citas, as tribos nômades da Líbia, os Seres - que de acordo com Celso não tem nenhum deus - e que outras nações do mundo ainda mais bárbaras, e mesmo os persas, que não suportam a visão de templos, altares e imagens; não se segue que soframos o mesmo que eles, ou que os fundamentos sobre os quais eles se opõem a idolatria são os mesmos que os nossos. Devemos indagar sobre os princípios pelos quais se fundam sua oposição aos templos e imagens, a fim de que possamos aprovar aqueles que se opõem com princípios sólidos, e condenar aqueles cujos princípios são falsos. [...] Os citas, os nômades líbios, os Seres sem Deus, e os persas, concordam nisso com os cristãos e judeus, mas eles são movidos por princípios muito diferentes.<sup>31</sup>

Esses pequenos trechos, sucintos, nos fornecem uma imagem positiva sobre os chineses; mas como ela teria sido construída? Os chineses já apareciam na literatura romana havia dois séculos. Alguns conhecimentos se revelam bastante específicos, tais como a extensão do império chinês, ou que eles eram os produtores de seda. Por essa razão, é possível que os romanos tenham consolidado, ao longo desse tempo, uma visão favorável dos chineses, como uma civilização complexa e desenvolvida. Todavia,

---

<sup>30</sup> *Book of Law of Countries*, p.41. In Bardaisan. *The book of the law of the countries*. Trans. Hans Drijvers. Auflage: Assen, 1965

<sup>31</sup> *Contra Celsus*, VII: 63-64. In Origen. *Contra Celsus*. Apud George Coedès *Textes d'auteurs grecs et latins relatifs à L'Extrême Orient*. New York: Ares Publishers, 1977, p.82-83.

essa simpatia não surgiu de imediato. Como veremos, o caminho para que os chineses chegassem até os romanos foi longo e impreciso.

## **OS CAMINHOS PARA O IMPÉRIO ROMANO**

Parece-nos que é milenar a questão de que os chineses vendem seus produtos para o restante do mundo. No período aqui definido, os séculos I ao III d.C., um conjunto significativo de referências aos chineses, e suas mercadorias, foi feita pela literatura grega e latina sob o domínio do império romano. Nada impede que a presença desses produtos chineses fosse anterior ao período aqui escolhido, mas definimos esse contexto para operar de modo mais seguro.

O elemento central do comércio entre Roma e China era a seda. Com o estabelecimento da Rota da Seda pela dinastia Han, no século I a.C., o fluxo de mercadorias em direção ao Ocidente aumentou consideravelmente. A seda era o principal e mais lucrativo produto de exportação chinês. Além de atraente, seu método de fabricação era desconhecido, o que aumentava seu fascínio. A seda era largamente empregada pela elite romana como um demonstrativo de poder e prestígio, um diferenciador social. Por essa razão, seu consumo no mundo romano era grande, embora fosse bastante custosa.

Plínio Velho nos legou um importante fragmento, reclamando de como os romanos gastavam dinheiro com a seda chinesa: “Todo ano a Índia, China e a Arábia levam de nosso império, numa estimativa direta de nossas importações, cerca de cem milhões de sestércios”.<sup>32</sup>

Tudo para sustentar uma elite preocupada apenas com a ostentação social, que desprezava o valor da austeridade moral e econômica: “É necessário que peregrinemos até o fim do mundo para que nossas damas possam envolver sua beleza

---

<sup>32</sup> *Natural History*, XII, 84. In Pliny Elder. *The Natural History*. Trans. John Bostock. London: Taylor and Francis, 1885.

com transparentes véus de seda, e os homens gastar suas posses na aquisição do tecido”.<sup>33</sup>

Plínio, para nossa surpresa, conhecia os rudimentos da produção da seda, embora pensasse que as lagartas produtoras dos fios agissem como aranhas:

A larva ['bombyx'] torna-se então uma lagarta, após o qual ele assume o estado em que ele é conhecido como 'bombylis', então esse chamado “necydalus”, e depois disso, em seis meses, ela se torna um verme-da-seda. Estes insetos tecem tramas semelhantes as da aranha, e o material que é usado para fazer as peças de vestuário mais caras e de luxo das mulheres, conhecidos como 'bombycina'. Pamphile, uma mulher de Cos, filha de Platea, foi a primeira pessoa que descobriu a arte de desvendar essas teias e tecer um tecido do mesmo; Na verdade, ela deveria ser privada da glória de ter descoberto a arte de fazer vestimentas que, enquanto cobrem uma mulher, ao mesmo tempo revelam seus encantos nus.<sup>34</sup>

Por fim, ele reclamava, ainda, que os chineses não gostavam de comprar, mas apenas, de vender – mostrando que a questão dos chineses serem comerciantes fechados, como citou Solinus décadas depois, já era bastante antiga.<sup>35</sup>

O restante do que sabemos foi dito por nossos comerciantes. Eles deixam suas mercadorias nas costas de seu rio, recolhem o os produtos de troca e avaliam seus interesses para troca. Não buscam quaisquer tipos de luxo, e por isso são detestados por nós, tendo em vista que só podemos imaginar o que realmente almejam, ou desejam, já que negociam segundo apenas o seu interesse.<sup>36</sup>

A preocupação com Plínio era a evasão de rendas do império romano. Apesar de existir uma estrutura burocrática para fiscalizar o recolhimento de impostos, era difícil controlar o quanto se gastava, de fato, com a importação de artigos de luxo.

---

<sup>33</sup> Ibid *Natural History*, VI, 53-54 (or, VI, 6:20-21); see also XII, 17 and XIV, 22.

<sup>34</sup> Ibid *Natural History*, XI, 26.

<sup>35</sup> De fato, a comparação com o texto de Plínio nos mostra que Solinus, provavelmente, copiou a *História Natural*. Devemos nos lembrar, porém, que isso não impedia os chineses de estarem circulando pelo império romano. A prática da cópia textual era bastante comum na época.

<sup>36</sup> Ibid *Natural History*, VI, 88 (or, VI, 6:24).



Thorley<sup>37</sup> afirmou que tal dificuldade provavelmente tornava deficitária a relação entre os romanos e os comerciantes. Paul Veyne<sup>38</sup>, porém, criticou essa visão pessimista, afirmando que Plínio poderia negligenciar informações, já que estava envolvido com a política de austeridade iniciada pelo imperador Tibério. Os estudos mais recentes são cautelosos em relação a esse debate, embora uma grande quantidade de moedas romanas, achadas na Índia e na China, mostre que os romanos gastavam muito com o comércio estrangeiro.<sup>39</sup>

De qualquer maneira, a questão é que, junto com a seda, vinha o imaginário sobre seus fabricantes: quem eram os chineses? Quem eram os artesãos que encantavam as damas da sociedade romana, e faziam seus maridos gastarem fortunas com produtos importados? A habilidade dos chineses fez com que eles fossem imaginados como uma nação poderosa e desenvolvida, compondo de modo significativo os conhecimentos romanos sobre o mundo antigo.

## QUEM ERAM OS “SERES”?

Floro, com base em um fragmento da *Res Gestae*,<sup>40</sup> afirmou que os Chineses – os “sinaes” ou “seres” – enviaram emissários para prestar homenagens a Augusto:

Agora que todos os povos do oeste e do sul foram subjugados, e também os povos do norte [...] os citas e os sármatas enviaram embaixadores para procurar nossa amizade. Os indianos e os seres também o fizeram, trazendo elefantes, pérolas e pedras preciosas como presentes, mostrando que haviam feito longa jornada – em torno de quatro anos – e prestaram o

---

<sup>37</sup> Ibid THORLEY, 1971, p. 76-77.

<sup>38</sup> VEYNE, Paul. “Rome devant la pretendue fuite de l’or: mercantilisme ou politique disciplinaire?” In *Annales*, 2, 1979, pp. 211-244.

<sup>39</sup> TCHERNIA, André. “Moussons et monnaies: les voies du commerce entre le monde greco-romain et l’Inde” in *Annales*, 5, 1995, pp.1007-1009. Ver também Raoul McLaughlin, 2010, p.141-178.

<sup>40</sup> *Res Gestae*, 31-33. In AUGUSTUS. *Velleius Paterculus and Res Gestae Divi Augusti*. Trans. Frederick Shipley. London, Loeb, 1924

maior tributo possível, e de fato, sua pele mostra que vivem debaixo de outro céu.<sup>41</sup>

Os fabricantes de seda eram gente poderosa, mas também, perigosa. Bem antes de Floro, Horácio nos falava dos chineses como um povo corajoso e disciplinado, mas temerário: “Corajoso, disciplinado, que vivia em companhia dos partos, indianos, báctrios, citas, dos povos do Tanus e do Danúbio, todos tendo respeito por Augusto. [...] Cujas flechas são bastante perigosas”.<sup>42</sup> O poeta Marcial compartilhava a visão de que os chineses poderiam representar uma ameaça, mas invocava o poder do César romano para impor a ordem: “Ó nobreza dos partos e príncipes dos seres, trácios, sármatas, guetos e bretões, eu posso vos mostrar um verdadeiro César: vinde!”<sup>43</sup>

No entanto, os romanos alternavam seu temor com admiração pelos chineses. Pomponius Mela, antecipando Bardasano e Orígenes, afirmava que: “Os seres são um povo pleno de justiça, mais conhecido pelo comércio que conduzem com zelo, trazendo suas mercadorias de lugares remotos”.<sup>44</sup> Ovídio cita, também, a admiração pela beleza artística dos tecidos chineses: “Os seres são um povo habilidoso, capaz de produzir tecidos tão finos como fios de cabelo”.<sup>45</sup>

A questão principal, porém, continuava na evasão de rendas do império romano. Sêneca reclamou abertamente contra o uso indiscriminado da seda, que considerava imoral e dispendioso:

Eu posso ver as roupas de seda, os materiais que não escondem o corpo, nem mesmo a própria decência, e nem poderiam ser chamado de roupas [...] para que a mulher adúltera possa ficar visível através

---

<sup>41</sup> *Epitomae*, II, 34. In Florus, *Epitome of Roman History*. Trans. Edward Foster. London: Putnam, 1929.

<sup>42</sup> *Odes*, I, 12, 53-57; III, 29, 27-28 e IV, 15, 21-24. & *Odes*, I, 29,9 apud BUENO, *Rotas do Mundo Antigo*, 2002.

<sup>43</sup> *Epigramas*, XII, 8, 8-10. Apud André Bueno, *Rotas do Mundo Antigo*, 2002.

<sup>44</sup> *Chorographia*, III, 60. In Pomponius Mela. *Pomponius Mela's Description of the World*. Trans. Frank Romer. Michigan, University of Michigan Press, 1998.

<sup>45</sup> *Amores*, I, 14, 5-6. Apud BUENO, *Rotas do Mundo Antigo*, 2002.

de seu fino vestido fino, de modo que seu marido não conheça mais do que qualquer estranho ou estrangeiro o corpo de sua esposa.<sup>46</sup>

Tácito seguiu na mesma linha, clamando uma intervenção imperial contra o dispêndio excessivo da elite romana.<sup>47</sup> No entanto, de nada serviram tais reclamações. O interesse pelos “seres” continuava grande, o que motivou os cartógrafos da época a buscarem onde ficava a China.

## ONDE FICAVA A CHINA?

Devemos ter em mente que a noção de geografia nesse período era regida por claros interesses políticos. Como analisa Norma Mendes:

Os dois espaços fundamentais que estruturavam o universo mental dos romanos são a Urbs et Orbis Terrarum. A Urbs é o centro do mundo, a cidade da vida social, do prazer, dos templos, da riqueza, da cultura e do poder. O Orbis Terrarum é representado gradualmente no momento da conquista por ocasião das cerimônias de triunfo. Ao longo do desfile eram apresentados os mapas com a lista das cidades, os nomes das montanhas e rios conquistados, projetando-se, conforme o conhecimento cartográfico da época, a forma e a distância das regiões submetidas. Após a cerimônia estes mapas eram pintados nos muros dos templos de acordo com o ritmo das conquistas. Evidentemente, por razões políticas e administrativas estes mapas tinham como objetivo visualizar a posse do mundo. Com o estabelecimento solene do Principado, em 27 a.C., consolidou-se a missão divina de conquista, dominação, pacificação e organização de todo o mundo pelos romanos sob o governo do Princeps. Tal concepção ecumênica foi veiculada pela *Res Gestae Divi Augusti*, cujo caráter figurativo pode ter sido o principal objetivo da elaboração de um mapa universal do mundo romano.<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> *Excerpta Controversiae*, II, 7. In Seneca *Declamations, Volume I: Controversiae, Books 1-6*. Trans. Michael Winterbottom. Harvard: Harvard University Press, 1974.

<sup>47</sup> *Annals*, II, 33. e *Annals*, III, 53. In Tacitus. *The Work of Tacitus*. Trans. Alfred Church & William Brodribb. London: MacMillan, 1877.

<sup>48</sup> Norma Mendes. “As relações entre o princeps e o *populus romanorum* através do transcrito público”. *Helade* 2 (1), 2001, pp. 39-49.

Por essa razão, os primeiros mapas romanos não eram precisos, quando precisavam identificar onde ficava o Extremo Oriente. Cartógrafos profissionais, como Estrabão<sup>49</sup> e Agripa<sup>50</sup> tiveram dificuldade em localizar onde ficava a China. Já Lucano<sup>51</sup> e Horácio<sup>52</sup> mostraram uma ignorância absoluta, situando os chineses espalhados pela Ásia ou mesmo, na África. Pausanias nos dá um exemplo claro, de como se poderia conjugar uma descrição sensível da criação da seda, com o desconhecimento geográfico.<sup>53</sup> Pompônio Mela, porém, já conseguira identificar os chineses pouco acima da localização exata da Índia, numa época em que a China dominava vastas porções dessa área. Era um reflexo direto da expansão chinesa através da Rota da Seda, que levou a dinastia Han até as fronteiras com a Índia Kushan. O trabalho de Ptolomeu, porém, eclipsou grande parte de seus antecessores. Ele conseguiu apontar a China com razoável precisão, além de identificar possíveis rotas para a mesma.<sup>54</sup>

A evolução desses conhecimentos nos mostra que as informações estavam chegando ao mundo romano, fosse por meio de seus próprios agentes, fosse por meio da presença chinesa. Talvez por isso, a citação de Solinus, feita algum tempo depois, não seja impossível. É possível que os chineses estivessem chegando até Roma, do mesmo modo que os chineses afirmavam que os romanos enviaram embaixadas até o seu país. Novamente, não podemos saber o quanto essas afirmações são totalmente

---

<sup>49</sup> *Geographia*, XV, 1, 4; XV, 1, 37. In Strabo, *Geography*. Trans. John Sitlington. London: Putnam's sons, 1917.

<sup>50</sup> NICOLET, Claude 'Representation of Space: Agrippa's Geographical Work', in *Space, geography, and politics in the early Roman Empire*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991, pp. 95-122.

<sup>51</sup> *Pharsalia*, I, 19-20; X, 141-143; X, 292-293. In Lucano. *Pharsalia*. Apud George Coedès *Textes d'auteurs grecs et latins relatifs a L'Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977.

<sup>52</sup> *Epodes*, VIII, 15. In Horace. *Horace, Odes and epodes*. Boston: B.H. Sanborn & Co., 1919.

<sup>53</sup> *Description of Greece*, VI, 26, 6-9. In Pausanias, *Pausanias Description of Greece with an English Translation*. Trans. William Jones. Harvard: Harvard University Press, 1918.

<sup>54</sup> *Ptolemy's Geographia*, I, 11; I, 13-14 and VI, 16. In Ptolemy, *Géographie*. Apud George Coedès, *Textes d'auteurs grecs et latins relatifs a L'Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977.

verdadeiras. A questão, porém, é que a imagem dos chineses parecia importante o suficiente para que os romanos construíssem, sobre ela, uma noção de respeito.

## O ADVENTO CRISTÃO

Voltamos agora ao início de nossos fragmentos textuais. Tanto Solinus como Bardasano e Orígenes viviam em uma época em que Roma parecia dar seus primeiros sinais de cansaço. Solinus invocava o antigo discurso de austeridade de Plínio Velho, enquanto Bardasano e Orígenes compartilhavam um novo modo de olhar o mundo: a doutrina cristã. Todavia, uma mudança marcara a transformação desses discursos: os estrangeiros, antes ameaçadores, agora eram tomados como exemplos de civilização. Para fazer o contraste da decadência dos costumes romanos, esses escritores invocavam imagens de outras civilizações para ilustrar um modo de vida ideal. Os cristãos iam além: um modo de vida, completamente novo, estava sendo construído. Na *Carta a Diogneto*, um retrato dos cristãos é construído:

Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida, paradoxal. (*Carta a Diogneto* 5, 2-4)<sup>55</sup>

Esse mundo sem fronteiras culturais era a pretensão dos cristãos. Escritores como Bardasano<sup>56</sup> e depois, Cesário<sup>57</sup>, acreditavam que as sociedades ordeiras e

<sup>55</sup> In *Padres Apologistas*. São Paulo: Paulus, 2016.

<sup>56</sup> BUENO, André “Etnografia religiosa no Livro das Leis dos Países” in *Nearco*, 2, 2015, p.15-25.

<sup>57</sup> *Dialogues*, II, 109. In Cesarius, *Dialogues*. Apud George Coedès, *Textes d’auteurs grecs et latins relatifs a L’Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977.

civilizadas, tais como a dos chineses, eram um lugar adequado para a expansão da doutrina cristã, e mostravam a piedade de Deus para com os povos que não o conheciam. O século III d.C., portanto, se encerrava com uma visão positiva da longínqua China, embora as preocupações romanas, em breve, deixariam de ser o contato com as nações longínquas para se transformarem na questão da própria sobrevivência do império.

## CONCLUSÃO

Na construção das imagens sobre os chineses, os romanos não fizeram mais do que transpor, sobre eles, suas idealizações. Os chineses, porém, estavam distantes; eram poderosos, mas ariscos; não pareciam ameaçadores, mas eram desenvolvidos, e talvez, ‘não fossem bárbaros’.<sup>58</sup> Era possível pensar o mundo chinês com mais segurança e simpatia do que a Pártia, por exemplo. Não podemos afirmar com segurança de os contatos institucionais entre Romanos e Chineses foram absolutamente verídicos, mas a China não fora nunca considerada uma inimiga. Talvez os chineses fossem entendidos como um espelho distante, os “romanos do Oriente”, tal como os chineses chamavam respeitosamente os romanos de “Grande Qin”, em homenagem a dinastia anterior que havia governado a China. De qualquer modo, a terra dos “seres” era um lugar especial, um país admirável e mágico, de onde provinha a seda, e um povo favorecido pela natureza:

Existem nações que desfrutam de uma grande longevidade. Referimos-nos, por exemplo, aos Seres, que vivem trezentos anos. Alguns atribuem sua longevidade ao ar, outros ao sol, outros enfim, a sua alimentação. Dizem mesmo que o país inteiro não bebe nada mais do que água pura.<sup>59</sup>

<sup>58</sup> Para entender a ideia de bárbaros, ver: GOUVEIA, Márcio “Roma et Barbaries: a evolução do conceito de barbárie na antiga Roma”. In: *PhaoS*, N.12, 2012, pp. 5-27.

<sup>59</sup> *Macrobioi*, 5. In Lucian. *Makrobioi*. Apud George Coedès *Textes d’auteurs grecs et latins relatifs a L’Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977.

Séculos depois, esse imaginário continuaria a inspirar os viajantes em direção ao Oriente, seguindo os passos da duradoura Rota da Seda.

## BIBLIOGRAFIA

AUGUSTUS *Res Gestae*, 31-33. In *Velleius Paterculus and Res Gestae Divi Augusti*. Trans. Frederick Shipley. London, Loeb, 1924.

BALL, Warrick. *Rome in the East: the transformations of Empire*. London, Routledge, 2002.

BARDAISAN, *Book of Law of Countries*, p.41. In Bardaisan. *The book of the law of the countries*. Trans. Hans Drijvers. Auflage: Assen, 1965.

BUENO, André “Etnografia religiosa no Livro das Leis dos Países” in *Nearco*, 2, 2015, p.15-25.

BUENO, André. A. *Rotas do Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo, 2002.  
CESARIUS *Dialogues*, II, 109. COEDÈS, Georges *Textes d’auteurs grecs et latins relatifs a L’Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977.

COEDÈS, George. *Textes d’auteurs grecs et latins relatifs a L’Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977 (First Edition, 1910).

DIOGNETO, *Padres Apologistas*. São Paulo: Paulus, 2016.  
FERGUSON, John “China and Rome”, in *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt im Spiegel der neueren Forschung* II 9.2, 1978, p.581-603.

FLORUS. *Epitomae*, II, 34. In *Epitome of Roman History*. Trans. Edward Foster. London: Putnam, 1929.

GOUVEIA, Márcio “Roma et Barbaries: a evolução do conceito de barbárie na antiga Roma”. In: *PhaoS*, N.12, 2012, pp. 5-27.

HIRTH, Friedereich. *China and the Roman Orient: Researches into their Ancient and Medieval Relations as Represented in Old Chinese Records*. Hong Kong, 1885.

HORACE *Epodes*, VIII, 15. In *Horace, Odes and epodes*. Boston: B.H. Sanborn & Co., 1919.

HORÁCIO. *Odes*, I, 12, 53-57; III, 29, 27-28 e IV, 15, 21-24. & *Odes*, I, 29, 9 apud BUENO, *Rotas do Mundo Antigo*, 2002.

JANVIER, Yves “Rome et l’Orient lointain: le problèmes des serres” in *Ktema*, 9, Strasbourg, 1984.

LUCANO, *Pharsalia*, I, 19-20; X, 141-143; X, 292-293. Apud COEDÈS, Georges *Textes d’auteurs grecs et latins relatifs à L’Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977.

LUCIAN *Macrobioi*, 5. COEDÈS, Georges *Textes d’auteurs grecs et latins relatifs à L’Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977.

MARCIAL *Epigramas*, XII, 8, 8-10. Apud André Bueno, *Rotas do Mundo Antigo*, 2002.

MAZAHERY, Aly *La Route de Soie*. Paris: Papyrus, 1983.

MCLAUGHLIN, Raoul. *Rome and the distant East*. London: Continuum, 2010.

MENDES, Norma. “As relações entre o princeps e o populus romanorum através do transcrito público”. *Helade* 2 (1), 2001, pp. 39-49.

MITTAG, Achten & MUTSCHLER, Fritz-Heiner *Conceiving the Empire: China and Rome Compared*. Oxford, Oxford University Press, 2008.

NICOLET, Claude 'Representation of Space: Agrippa's Geographical Work', in *Space, geography, and politics in the early Roman Empire*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991, pp. 95-122.

NOEL, Jean Robert, *De Rome à la Chine*. Paris: Belles Lettres, 1993.

ORIGEN, *Contra Celsus*, VII: 63-64. Apud COEDÈS, Georges. *Textes d’auteurs grecs et latins relatifs à L’Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977, p.82-83.

OVÍDIO *Amores*, I, 14, 5-6. Apud BUENO, *Rotas do Mundo Antigo*, 2002.

PAUSANIAS *Description of Greece*, VI, 26, 6-9. In *Pausanias Description of Greece with an English Translation*. Trans. William Jones. Harvard: Harvard University Press, 1918.

PLINY *Natural History*, XII, 84. In Pliny Elder. *The Natural History*. Trans. John Bostock. London: Taylor and Francis, 1885.



POMPONIUS MELA. *Chorographia*, III, 60. In *Pomponius Mela's Description of the World*. Trans. Frank Romer. Michigan, University of Michigan Press, 1998.

PTOLEMY'S *Geographia*, I, 11; I, 13-14 and VI, 16. Apud COEDÈS, Georges *Textes d'auteurs grecs et latins relatifs a L'Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977.

SCHEIDEL, Walter (org.) *Rome and China: Comparative Perspectives on Ancient World Empires*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SCHEIDEL, Walter (org.) *State Power in Ancient China and Rome*. Oxford, Oxford University Press, 2014.

SENECA *Excerpta Controversiae*, II, 7. In *Declamations, Volume I: Controversiae, Books 1-6*. Trans. Michael Winterbottom. Harvard: Harvard University Press, 1974.

SOLINUS, *Polyhistory*, LI. Apud COEDÈS, George. *Textes d'auteurs grecs et latins relatifs a L'Extreme Orient*. New York: Ares Publishers, 1977 (First Edition, 1910).

STRABO, *Geographia*, XV, 1, 4; XV, 1, 37. In Strabo, *Geography*. Trans. John Sitlington. London: Putnam's sons, 1917.

TACITUS *Annals*, II, 33. e *Annals*, III, 53. In *The Work of Tacitus*. Trans. Alfred Church & William Brodribb. London: MacMillan, 1877.

TCHERNIA, André. "Moussons et monnaies: les voies du commerce entre le monde greco-romain et l'Inde" in *Analles*, 5, 1995, pp.1007-1009.

TEGGART, Frederick. *Rome and China*. Berkeley, University California Press, 1969, p. v-xii; p. 225-241 [First edition, 1939]

THORLEY, John "The silk trade between China and the Roman Empire at his height, circa A.D. 90-130" in *Greece & Rome*. Cambridge, 1971.

VEYNE, Paul. "Rome devant la pretendue fuite de l'or: mercantilisme ou politique disciplinaire?" In *Analles*, 2, 1979, pp. 211-244.

WHEELER, Mortimer. *The Rome beyond the imperial frontiers*. London: Penguin, 1955, p. 203-214.

YOUNG, Gary. *Rome's Eastern Trade*. London: Routledge, 2001.